

Escritas da alma hoje: Novos desassossegos na poética do trauma

The soul's writing today: New afflictions in the poetries of trauma

Maria de Fatima Pessoa de Assis

Doutora; Universidade Federal de Jataí, Jataí, GO, Brasil

E-mail: maria_fatima_pessoa@ufj.edu.br

Matheus Dias dos Santos

Graduando; Universidade Federal de Jataí, Jataí, GO, Brasil

E-mail: matheusdias20@hotmail.com

Resumo

Este trabalho realiza uma reflexão teórica das noções de “trauma”, “compulsão à repetição” e a “inquietante estranheza”, baseando-se nos textos freudianos e considerando o atual contexto pandêmico. Utilizando-se abordagem teórica psicanalítica, desde Freud, a expressão “escritas da alma” é uma metáfora para designar as formas poéticas singulares que cada ser humano cria para atribuir sentido ao vivido, a partir das relações entre suas fantasias, elementos da cultura e experiências concretas. Tais poéticas são recursos psíquicos para lidar com o traumático, além disso, o artigo aborda alguns desdobramentos políticos da consideração do atual circuito de afetos que assola as sociedades de mercado, com base em Joel Birman e Vladimir Safatle, que defendem a força do desamparo na transformação concreta da experiência.

Descritores: Psicanálise. Arte. Sociedade.

Abstract

This work presents a theoretical reflection on the notions of “trauma”, “compulsion to repeat” and “disturbing strangeness”, based on Freudian texts and the current pandemic. Through the psychoanalytic theoretical approach, since Freud, the expression “writings of the soul” is a metaphor to designate the unique poetic forms that each human being creates to give meaning to the experience, based on the relationships between their fantasies, cultural elements and concrete experiences. Such poetics is considered as psychic resource to deal with the traumatic events. Finally, it discusses some political consequences of considering the current circuit of affections that plague market societies, based on Joel Birman and Vladimir Safatle, who defend the power of helplessness in the concrete transformation of experiences.

Descriptors: Psychoanalysis. Art. Society.

Introdução

A escolha pelo tema deste artigo nasceu de experiências anteriores com o projeto de extensão universitário *Escritas da Alma*, a partir do qual, por meio de recursos artísticos diversos, foi possível a abertura ao diálogo e à troca afetiva entre alunos e professores, com desdobramentos para a saúde psíquica. Por meio do referido projeto, foi-nos possibilitada uma rica comunicação com os alunos do curso de psicologia da Universidade Federal de Jataí/UFJ, além de permitir uma fecunda reflexão na direção de possíveis caminhos a serem trilhados no âmbito do ensino emergencial remoto em contexto da pandemia da COVID-19.

O tema proposto será desenvolvido por meio da abordagem teórica psicanalítica,

desde Freud, e, para tanto, iniciaremos pela definição do que seriam as nossas “escritas da alma”. A seguir, utilizamos as noções de “trauma”, “compulsão à repetição” e a “inquietante estranheza”, com base nos textos freudianos, com o objetivo de pensar o contexto da pandemia atual. Por fim, iremos abordar alguns desdobramentos políticos da consideração do atual circuito de afetos que assolam as sociedades de mercado, com base em Birman (2012) e Safatle (2019).

Uma poética do trauma

Poéticas, como nos ensina Frayze-Pereira (2011), são maneiras distintas de interpretar o mundo, como a estética romântica, a estética modernista, a surrealista, dentre outras, mas também são entendidas como formas singulares que cada ser humano cria para atribuir sentido ao vivido, a partir das relações que estabelece entre suas fantasias, elementos da cultura e experiências concretas de cada dia.

A “escrita” está na base do trabalho de nosso aparelho psíquico, com sua gramática peculiar de fazer circular o desejo, sempre insistente, a nos interpelar, na direção de movimentos renovados de atribuição de sentidos. Freud (1915/1980), em seu artigo *O inconsciente*, nos ensina que o desejo se movimenta pelo processo de deslocamento, quando cede sua quota de investimento libidinal de uma ideia à outra, e, por condensação, quando certa ideia pode apropriar-se de todo o interesse libidinal de várias outras ideias. Esses dois processos – deslocamento e condensação – configuram o que Freud (1915/1980) denominou processo primário, que permite que o desejo circule livremente no inconsciente: “pelo processo de deslocamento uma ideia pode ceder a outra toda a sua quota de catexia; pelo processo de condensação pode apropriar-se de toda catexia de várias outras ideias” (Freud, 1915/1980).

Também em seu artigo “O inconsciente” (Freud, 1915/1980) a inscrição do desejo está, portanto, livre, no inconsciente e circulando, por condensação e deslocamento. Quando dizemos “inscrição”, nos referimos ao trabalho de simbolização da experiência emocional, que se dá dentro do aparelho psíquico, sob a forma de registros inconscientes (em que ainda não há ligação com palavras, e os conteúdos psíquicos circulam livremente, pelo processo primário) e pré-conscientes-conscientes em que as noções pulsionais são ligadas às palavras e imagens. Para que a escrita do desejo seja traduzida em coisas (imagens) e palavras, de

modo que possamos ter acesso a ela, as ideias devem entrar em conexão com elementos que pertencem ao sistema pré-consciente, em que o processo secundário é dominante, ou seja, o processo secundário é o que organiza as imagens e palavras em uma gramática com ordenação temporal e concatenação lógica. Assim, é no pré-consciente que o desejo sofre disfarces e se liga às representações de coisas e representações de palavras, que são derivados inconscientes, devidamente disfarçados, para romper a censura. Freud usa o termo “catexia” para designar a ligação ou investimento da moção pulsional aos representantes de coisa/imagens e palavras: “o sistema Ics, contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema Pcs ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem” (Freud, 1915/1980, p.230).

Há ainda que se considerar os afetos, que também circulam nessa área de transição que é o pré-consciente, cujas expressões são difíceis de formular, a exemplo do desprazer, isto é, o desprazer produz aumento da tensão, evocando mecanismos defensivos, como reações de descarga, ou mesmo, repressão, como nos indica Freud em “o Ego e o Id” (Freud, 1923/1980).

Para que a psique realize os objetivos de simbolização de nossas “escritas da alma”, precisamos continuamente das figurações de nossa vida mental. Por isso, nossa mente sonha o tempo todo, tanto de dia, quanto de noite. Um exemplo de como o processo primário encontra-se atuante em nós é quando sonhamos e entramos em contato com essa lógica outra, que funciona por deslocamentos e condensações, com efeitos estranhos e absurdos, uma estética surreal, própria das formações oníricas. No entanto, na atualidade, de acordo com Birman (2012) está ocorrendo uma grande mutação antropológica nas subjetividades, pois estamos passando da estética do sonho, para a do pesadelo, sem mediações e disfarces; ou seja, no pesadelo, a força do desejo é brutal, sem os devidos disfarces que nos protegem da incidência do real traumático.

O trauma, com efeito, é o excesso, aquilo que nos pega de surpresa, sem anteparos simbólicos, pois rompe o escudo protetor contra estímulos, que amortece o impacto dos estímulos excessivos, nossa barreira de contato que existe entre o inconsciente e a consciência e, também entre o mundo externo e a nossa percepção/ consciência. Freud introduz o termo “barreiras de contato” em “Projeto para uma Psicologia Científica”

(Freud, 1895/1980) para designar a suscetibilidade dos neurônios aos estímulos, em que o excesso de estimulação é experimentado como desprazer. As barreiras de contato ou sistema de para-excitações (Laplanche & Pontalis, 1988) foi então concebido como sistema de regulação das intensidades, à nível do sistema nervoso. Mais tarde, contudo, em “Além do Princípio do Prazer” (Freud, 1920/1980) Freud atribuiu ao para- excitações uma significação propriamente psicológica, que não implica um suporte biológico, de modo que a proteção contra a excitação por estímulos excessivos passa a ser garantida “por um investimento e um desinvestimento periódicos do sistema de percepção- consciência” (Laplanche & Pontalis, 1988, p.423).

A tudo que vivemos procuramos atribuir sentidos, o que nos leva a tentar organizar ideias, ordená-las em uma sequência temporal; enfim, procuramos entender, compreender. Mas quando tudo se torna excessivo, nosso aparelho psíquico, nossa “escrita da alma”, perde o compasso, desalinha-se e se desorganiza, provocando sintomas terríveis, como o pânico, a ansiedade, a depressão; enfim, adoecemos.

O que estamos vivendo hoje com a pandemia da COVID -19 (e não somente com ela, infelizmente), é a “poética do trauma”, uma forma estética que nos desconfigura e nos desorganiza psiquicamente. Além disso, o sentimento de estranheza nos assola. O estranho é aquilo que ultrapassa nossa compreensão e nos assusta.

O estranho mundo na pandemia

Em março do ano de 2020, de acordo com o que foi amplamente divulgado em diversas mídias, foi iniciada, no Brasil, a contagem de casos de infecção pelo SARS-COV, um vírus que surgiu na China em 2019 e se espalhou pelo mundo afora, resultando, conforme a Organização Mundial de Saúde, em uma situação de pandemia. Em decorrência, nossas vidas foram impactadas de forma radical, em razão da adoção de uma série de medidas sanitárias, tais como isolamento social, uso de máscaras, higienização das mãos. Além disso, tais medidas preconizaram o fechamento do comércio, de escolas, de universidades, etc., como tentativa de controle dos casos de COVID-19, o que provocou brusca mudança em nossas vidas, principalmente porque essa situação tem se estendido por longo período. Nesse contexto, houve grande ruptura no andamento de muitas atividades cotidianas, em diversos

âmbitos, como trabalho, família, escola, igreja, etc., de modo que o contato presencial entre as pessoas passou a ser substituído pela comunicação remota, via mídia digital.

Todo esse panorama de mudanças vem gerando sentimento de perda e estranheza, quando o trauma parece invadir a cena, principalmente em razão de mortes de pessoas queridas, cenário reportado por alunos, colegas e funcionários no âmbito da universidade, assim como em diversos espaços sociais, conforme divulgam mídias diversas. Propusemos refletir sobre a estranheza dessa experiência com o coronavírus: quais são os enigmas que ela porta? Como esse vírus nos interpela? É preciso estar atento a isso, para que possamos ser testemunho dessa parte de nossa história. Ser testemunho é ser capaz de contar a história que estamos vivendo, ser capaz de transformá-la em uma ficção, não como algo mentiroso, mas ficcional no sentido de podermos produzir uma cena com o que estamos vivendo, para podermos rememorar e nos apropriarmos psiquicamente do que estamos vivendo hoje.

Sobre isso, vamos dar um exemplo pessoal. Tenho sonhado seguidamente que estou em um lugar, fora de minha casa, lugar conhecido, que antes frequentava, mas que agora me vejo ali, sem máscara, com muita gente ao redor, e então penso que vou pegar o vírus, quando acordo assustada. Estou traumatizada, mas tento trazer a cena para a dimensão do sonho de modo que meu psiquismo procure encontrar um novo desfecho, ou que me permita compreender, pois, na realidade concreta, verificamos a ocorrência de pessoas conhecidas hospitalizadas, em razão do agravamento da infecção causada pela COVID-19. Sendo assim, estamos todos vivendo essa dimensão traumática do real, como se o tempo tivesse ficado mais denso, estranho e assustador.

Em 1919, Freud legou-nos um outro texto, *O estranho* (Freud,1919/1980), em que define a estética como “a teoria das qualidades do sentir” (p.275). Tendo em vista esta noção, vamos refletir sobre a sensação de estranheza, o que é assustador e provoca medo e horror. O que sentimos quando habitamos a estética do estranho?

Dentre os acontecimentos que produzem estranheza, segundo Freud (1919/1980), temos o fenômeno do “duplo”, que é quando me assusto com minha própria imagem, quando me vejo “de fora”, a me observar (por exemplo, quando assisto a meu enterro, em cena de sonho), ou quando me sinto culpado de algo, como se um outro eu, um duplo que me observa e julga, que é nossa consciência moral ou “supereu” assumisse o controle de mim. Esses duplos também podem ser projetados para fora, no outro, em coisas. Assim, quando

sinto raiva ou medo, sinto que algo exterior me persegue, como na paranoia. Há ainda nossos duplos no futuro, como quando me imagino daqui há algum tempo, no futuro.

Neste contexto de pandemia, nossos duplos estão em muitos lugares; meu próprio medo eu o coloco nas pessoas e coisas. Penso que o vírus está na pessoa que cruza comigo na rua ou na sacola que carrego no supermercado. De modo que estamos todos em uma paranoia coletiva, pois a existência de um vírus letal nos tira de nossa habitual organização psíquica e nos desalinha. Repetimos atos, em um verdadeiro ritual obsessivo, que vai muito além do que as autoridades de saúde recomendam, quando, além do uso de álcool em gel, ainda lavamos as mãos muitas vezes, chegando até ao absurdo. Há ainda outras coisas estranhas, como pressentimentos, sentimentos de mau olhado e toda sorte de superstições, notícias falsas ou *fake News*, de modo que, como em uma reação coletiva, para tentar dar conta do trauma, apelamos para o pensamento onipotente, que é uma defesa contra o que não podemos controlar. Daí surgem pensamentos tais como “se penso em algo, isso vai acontecer” ou “se tomo própolis, o vírus não me pega”.

Freud (1919/1980) usa a expressão *unheimlich* para designar o que é estranho, que significa “não familiar”, sendo o prefixo “un” o símbolo da repressão, do que um dia foi familiar (*heimlich*), mas que foi reprimido e agora produz ansiedade e estranheza (*unheimlich*). Sendo assim, todas essas sensações que fazem parte de meu ser e que me incomodam, eu as reprimo, nego ou projeto para fora de mim, mas acabam por retornar, provocando essa sensação de estranheza, dessa maneira, o que era meu (familiar) mas que não reconheço mais (não familiar, porque reprimido), volta à cena, insistindo para se fazer inscrever. O trauma é o que também retorna, insistentemente, para que eu possa dar um nome a ele, para que eu possa curar a ferida que se abriu em meu psiquismo. E os pesadelos constituem-se como recursos de “compulsão à repetição” (Freud, 1920/1980), para tentar resolver o impasse causado pelo trauma, fazendo retornar repetidamente a experiência traumática de forma compulsiva, para que o psiquismo possa atribuir sentido a ela.

A experiência que estamos vivendo com o coronavírus é traumática porque nos pegou de surpresa e nos deixou desamparados e frágeis. Também ficamos com a sensação de que parece que estamos vivendo em uma ficção, pois não queremos pensar na possibilidade de nossa própria destruição. Nossos sonhos, tanto diurnos quanto noturnos, pela via da compulsão à repetição, ajudam-nos a dominar a angústia, pois nos oferecem uma

oportunidade para sairmos da posição passiva, de quem é ultrapassado pelo susto, e assumirmos uma posição ativa, ao buscarmos encontrar saídas, com a ajuda de nossos recursos de simbolização, quando podemos colocar em cena nossas angústias.

Outras situações estranhas que estamos vivendo na atualidade são as sensações de silêncio, escuridão e solidão, que foram intensificadas com o isolamento social. Todas essas sensações humanas fazem parte de nosso desamparo e foram experimentadas quando éramos crianças e nos encontrávamos distantes de nossos pais. Mas, hoje, tratam-se de desamparos da condição adulta, pois nos sentimos inseguros e sem saber o que vai ocorrer.

Por uma biopolítica vitalista transformadora

Tendo em vista o que foi posto até agora, vamos discutir alguns aspectos positivos do estranho e do traumático que estão a nos espreitar, para que possamos encontrar algumas saídas para nossas vidas, não com relação à pandemia, porque dessa só poderemos nos livrar com a vacinação da população, mas desse nosso estranho mundo, que pode permanecer traumático, mesmo depois, infelizmente.

Será possível podermos ultrapassar os registros do trauma e do pesadelo e voltarmos ao registro do sonho e da imaginação criadora? Como sairemos do lado de lá, depois da pandemia? Esse vírus nos convoca a pensar muitas mudanças em nós, pois esse tempo fora da correria do dia a dia, esse tempo desordenado da pandemia está nos permitindo lembrar ou rememorar o que realmente importa na vida. Como se a ameaça da perda real de pessoas queridas nos fizesse fazer outros lutos necessários, para seguir em frente, de forma menos melancólica. Voltemos, então, para a cena social e, nesse movimento, vamos acompanhar algumas das indicações de Vladimir Safatle em *O circuito dos afetos* (Safatle, 2019). Com efeito, na cena política, tudo se passa como se tivéssemos tentado tudo e não mais acreditássemos em nada, como se estivéssemos despossuídos de nossa potência de ser.

Há uma consequência política muito importante se conseguimos nos abrir para a estranheza e para o desamparo que nos habitam, pois essas sensações nos colocam em crise, sem saber para onde ir. Esses são aspectos de nossa experiência que apontam para a necessidade de mudanças, tanto em nós mesmos quanto no mundo. Seria necessário desregular certos dispositivos de subjetivação que nos lançam em estado de impotência, para que aquilo que parece impossível de acontecer possa tornar-se possível. A música

Socorro, de Arnaldo Antunes, é ilustrativa do que estamos descrevendo quanto à melancolização e à depressão generalizadas do sujeito na atualidade:

Socorro, não estou sentindo nada!
Nem medo, nem calor, nem fogo
Não vai dar mais pra chorar
Nem pra rir
Socorro, alguma alma, mesmo que penada,
Me empreste suas penas
Já não sinto nem amor nem dor
Já não sinto nada
Socorro, alguém me dê um coração,
Que este já nem bate nem apanha
Por favor, uma emoção pequena
Qualquer coisa
Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos, deve ter algum que sirva
Socorro, alguma rua que me dê sentido
Em qualquer cruzamento,
Acostamento,
Encruzilhada
Socorro, eu já não sinto nada
Socorro, não estou sentindo nada.

A letra da música revela um estado emocional de descrença, vazio e desorientação, muito presente na experiência subjetiva da atualidade. Trata-se de estado psíquico que foi exacerbado durante o isolamento social imposto pelo contexto de pandemia. No entanto, essas experiências podem nos servir de gatilho para mudanças em nós mesmos e no mundo que nos cerca. Um exemplo de uma possível saída positiva para a experiência de estranheza e desamparo é ilustrado pelo filme *Pelas ruas de Paris (Paris et à nous)*, produção de Elisabeth Vogler, produzido em 2018 e disponibilizado na Netflix em 2020. O filme desenrola-se com o casal Greg e Anna andando pelas ruas de Paris, conversando sobre os dilemas da vida

de cada um, depois de dois anos vivendo juntos. O rapaz é focado no trabalho e o único responsável pela subsistência de ambos, seu objetivo é trabalhar duro, ganhar dinheiro e ter uma vida confortável. Já Anna “não faz nada”, pretende estudar, mas ainda não sabe o quê, de modo a protelar suas escolhas. Após dois anos vivendo em Paris, Greg começa a se sentir entediado com sua rotina e planeja tentar um trabalho em Barcelona, com um salário melhor, com o qual poderia comprar uma casa na praia. Convida Anna para acompanhá-lo, mas ela não aceita e prefere ficar em Paris, “se virar” como garçonete e continuar sua rotina, sem grandes alterações, como se não acreditasse muito na continuidade do vínculo amoroso, que poderia acabar a qualquer momento, vislumbrando como ficaria, quando chegasse ao final do relacionamento. Anna assim conta sua história:

Cresci no campo. Era muito chato. Quando não podíamos ver TV, eu e minha irmã saíamos e olhávamos os aviões no céu; às vezes seus rastros formavam uma cruz no céu. Eu via isso como um sinal; eu sentia que alguma coisa aconteceria. Acho que eu queria ver alguma coisa ruim, como todos os aviões caindo. Como se eu precisasse de um gatilho para me sentir viva (Pelas ruas de Paris..., 2018).

Tudo se passa como se Anna carregasse em si a dimensão de algo traumático, que sempre poderia vir à tona, sob a forma de um “avião caindo” e que a fazia ficar paralisada em uma espécie de medo, que não a permitia se lançar em suas experiências, como se sempre esperasse um desfecho ruim. Anna vivia como se estivesse sempre “preparada para o ataque”, à espreita de um avião caindo, a qualquer momento, construindo para si uma barreira protetora (um escudo protetor de impactos traumáticos). Assim, quando Greg se afasta para ir morar em Barcelona, ela revive seu trauma ao ver sua vida como “um avião caindo”, sentindo que ninguém mais se importaria com ela.

Essa era a fantasia de Anna, que a mantinha fora da realidade, em um “mundo programado”, até que algo assustador acontece na história. O avião que ela deveria ter pegado, com destino a Barcelona, de fato, cai. A cena de sua imaginação da infância, irrompe, na realidade, como se, a partir de então, ela começasse a viver o pesadelo e não estivesse mais protegida pela fantasia. A partir da tragédia que poderia ter acarretado sua

morte, ela não mais consegue seguir com sua rotina de “faz de conta”, como se o real se tornasse traumático demais, impossibilitando o lugar do sonho e da fantasia.

Anna está presa na “compulsão à repetição” da cena traumática, em que tudo parece reviver separações. Em sua infância, temos notícias apenas da presença da irmã, como se os pais estivessem sempre ausentes, e ela, sem amparo, como se sua vida fosse “um céu sempre pronto a desabar”. Depois ela começa a fazer alguns questionamentos sobre a vida, com um toque de incrível lucidez: “a vida é só uma questão de oferta e procura? Não podemos viver assim! Ou tornaremos o mundo uma pilha de lixo da história! Precisamos de mais! Mais magia, desejo, imaginação! Precisamos de algo que nos mantenha juntos! Imaginei o fim da nossa história desde o começo. Imaginei o fim da nossa história como um começo” (Pelas ruas de Paris..., 2018).

Tudo se passa agora como se ela estivesse no mundo real, em profunda solidão, procurando uma saída que a possibilitasse começar de novo depois da catástrofe da mudança operada em sua mente após a queda do avião, como se ela tivesse morrido e renascido, mas ainda tonta do pesadelo anterior: “estou triste e sozinha como um shopping à noite! Quero que o avião encontre a pista. Quero que ele encontre a pista e saia de mim!

A personagem viveu intensamente seu desamparo e o estranhamento de sua solidão, mas percebeu que ela é parte do mundo. Anna se tornou adulta e rompeu o véu que a separava do mundo e agora percebe que a vida é para valer. Se quiser mudar, se quiser crescer, é preciso enfrentar o mundo, com suas alegrias e frustrações. Não dá só para ficar vivendo atrás das telas de videogames, mas agir no mundo, para transformá-lo, nem que tenha que deixar morrer uma parte sua, para poder mudar. Ela agora é um ser político, pois o que acontece de ruim no mundo também a afeta. Percebemos que Anna consegue passar do pesadelo ao sonho e deste para a realização de sua vida, em consonância com sua vocação política de contribuir para mudar o mundo, sem medo.

A atual experiência traumática que estamos vivendo neste momento histórico de pandemia assemelha-se a um “avião caindo” em nossas vidas, pois sonhos são interrompidos, pessoas queridas estão morrendo, a privação dos encontros presenciais acarreta depressão em muitas pessoas, enfim, estamos vivenciando um cenário desolador. Além disso, a vida apresenta-se frágil, intensificando ainda mais, na contemporaneidade, o desamparo do sujeito,

que não consegue mais recuperar o espaço subjetivo para o sonho e a imaginação criadora.

Para Joel Birman (Birman, 2012) existe na atualidade uma transformação importante ao que concerne à experiência do sonhar, na tradição do ocidente, quando ocorre um deslocamento da problemática do sonho para o da dor. Com efeito, no filme analisado, a personagem Anna se vê paralisada pelo pesadelo de um avião que desmorona dentro de si e não consegue, a princípio, desvencilhar-se das imagens rodopiantes de algo que está a cair e fica paralisada na dor, sem poder ordenar sua experiência em narrativa.

O que estaria implicado nessa passagem do sonho para a dor? Assim responde Birman (2012): “antes de mais nada, a perda do potencial simbolizante da subjetividade contemporânea. Esta, com efeito, se empobrece a olhos vistos, no que concerne aos seus recursos simbólicos” (p. 23). Estamos todos hoje mais empobrecidos de recursos subjetivos para o enfrentamento das situações de perda e trauma, contexto em que o sonho perde seu potencial revelador do que se passa nas subjetividades, sendo desvalorizado e concebido apenas como um fenômeno neurofisiológico a ser investigado quanto à sua função regulatória do sono, em uma leitura cientificista.

Se a dimensão do acontecimento traumático invade a cena, de forma cada vez mais ininterrupta, em razão da violência do excesso de estimulação contido na vida “teleguiada” de nossos dias atuais, o pesadelo é a forma que o psiquismo encontra para tentar dominar o trauma, instalando a dor no psiquismo que já não consegue sonhar como realização de desejos em busca de alívio. Nesse contexto, o sujeito não consegue se anteciper, pela via da fantasia, às possibilidades de perda e trauma, entregando-se à angústia do real, sem nome. Com efeito, é a fantasia que possui a potência de realização de desejos, como no sonho, o que faz sustentar o erotismo e a afirmação da vida, contra a morte:

O que o discurso psicanalítico formulou, num outro registro, foi apenas o alicerce e o motor dessas potencialidades de mudança. Com efeito, com a tese de que o sonho é uma realização do desejo, Freud nos diz ser ele, o desejo, o que nos move e nos dá alento para existir, impelindo-nos para a transformação do mundo, para a invenção de outros mundos possíveis e para a criação de novas modalidades da linguagem (Birman, 2012, p. 47).

Tendo em vista esse trecho do autor, percebemos que o sujeito de desejo está bastante enfraquecido, na atualidade, em razão da perda da dimensão temporal da subjetividade, que é cada vez mais engolida pela dimensão espacial do “aqui e agora”, o que imobiliza os sujeitos, impossibilitando-os de produzir descontinuidades e rupturas. Diante desse cenário, o pensamento e a linguagem tendem a desaparecer e o mal-estar nas subjetividades incide principalmente nos registros do corpo, da ação e das intensidades.

No corpo, o mal-estar expressa-se como estresse, síndrome da fadiga crônica (cansaço absoluto) e do pânico, sintomas que juntos produzem uma “sensação de morte”, tensão que é descarregada no corpo, o que sinaliza que há perda da eficácia dos mecanismos de proteção simbólica culturalmente instituídos. No âmbito da ação, a hiperatividade se impõe, fazendo do agir o imperativo categórico do sujeito contemporâneo; em acréscimo, encontramos a explosividade, a irritabilidade e a violência, aspectos do mal-estar que foram intensificados e que levam os sujeitos em busca de drogas, sejam estas lícitas ou ilícitas, para conter o excesso de afetação que os atravessa. Do ponto de vista das intensidades, de fato, o que está em questão é o excesso, que invade o psiquismo, lançando-o na condição traumática, restando ao sujeito a falta de controle sobre si, de acordo com Birman (2012).

Para Safatle (2019), sociedades são “circuitos de afetos”, pois constroem vínculos através da maneira com que corpos são afetados, objetos sentidos e desejos impulsionados. Assim, há uma gramática de afetos que organiza toda e qualquer sociedade. Mas há também momentos raros, nos quais acontecimentos produzem novas formas de ser, em que somos afetados de outra maneira. Para tanto, tais acontecimentos nos despossuem de nossos trajetos, nos desamparam e decompõem corpos políticos que existiam até então. É esse o sentido da necessária desconstrução das categorias de indivíduo e identidade, ou seja, para que haja a abertura a novas formas de ser no mundo, há que se desconfigurar as identidades estabelecidas até então.

Se a sustentação de formas subjetivas não se realiza sem que haja a dimensão temporal, ou seja, sem que os sujeitos possam atribuir sentido ao vivido, sob a forma de narrativas no tempo, norteadas pelo desejo, para que mudanças ocorram, há que se abrir para uma temporalidade outra, a contingência, que é o tempo dos acontecimentos, de acordo com Safatle (2019). A contingência é a expressão de um tempo desamparado, quando não se sabe para onde se vai (Safatle, 2019), como o que ocorreu com a personagem Anna, que

corria sem rumo pelas ruas de Paris, sentindo-se afogar, como se estivesse em uma inundação, ou mesmo em um beco sem saída.

Para dar conta do tempo histórico, Safatle (2019) acompanha Hegel (1992), para quem há algo da ordem de uma “inquietação do tempo”, que o aproxima da noção de contingência, uma temporalidade concreta na qual a contingência é integrada como motor móbil das transformações. Assim, a contingência para Safatle (2019) é o que designa a deficiência de nosso conhecimento, o que não sabemos e não controlamos, pois não conhecemos as causas de certa ação, que, por isso mesmo, é imprevista. No entanto, só a imaginação faz com que consideremos as coisas como contingentes. As revoluções, por exemplo, demonstram que há uma “plasticidade” no tempo, capaz de retirá-lo de seu ritmo e de seu princípio, produzindo-se mudanças, assim, o tempo histórico seria um “sistema aberto ao desequilíbrio periódico”, “pois a integração contínua de novos acontecimentos inicialmente experimentados como contingentes e indeterminados reconfigura o sentido dos demais anteriormente dispostos” (Safatle, 2019, p. 117).

Seria necessário renovar a nossa noção de tempo e desregular os dispositivos de individuação (e de socialização), para que aquilo que parece impossível possa tornar-se possível: “quando abrirmos as portas do tempo com suas pulsações descontroladas e anômalas, suas múltiplas formas de presença e existência, então conseguiremos mais uma vez explodir os limites da experiência e fazer o que até então apareceu como impossível tornar-se possível” (Safatle, 2019, p. 130).

Se aceitarmos que a conformação aos dispositivos de poder não foi total e que há a força do desejo inconsciente, que é o que há de ingovernável em cada um e que traz a marca de desejos que foram desejados antes de mim e que deixaram suas marcas. Então, não vivemos apenas no presente, mas em uma dimensão espectral na qual a inscrição de nossos ancestrais está também em nossas ações e nos sobre determinam. Os espectros do passado estão vivos e dispostos a habitar outros corpos, a abrir outras potencialidades. Assim, “o corpo político só pode ser um peculiar corpo espectral com suas temporalidades em mutação” (p. 127). O autor propõe que possamos usar a força do desamparo para dissolver os bloqueios do presente, na transformação concreta da experiência do tempo, a fim de produzir uma forma inaudita de confiança e abertura. Com efeito, o desejo é algo que não se captura; ele é a própria condição do desamparo humano, o que nos abre para a experiência positiva da

indeterminação e da abertura a novos modos de subjetivação, ainda inauditos. Vejamos a narrativa de uma jovem, que participou do projeto de extensão universitário *Escritas da alma*, com a seguinte contribuição poética:

Encaixo-me em mim, como nunca antes havia feito. Não porque nunca antes assumi forma una, mas porque nunca ousei admitir uma integridade final. Sou caos em potencial e a qualquer pequena fagulha estou desfeita. Mas em pedaços embaralho-me, brinco com o que há de mim, faço festa com tudo o que posso ser. Importo para quem estou as peças nascidas do mundo que me toca; realoco os astros de mim em uma nova órbita; despeço-me do que não mais me emociona. Reorganizo-me e sou de novo o que nunca fui, porque tudo o que não quero ser é quem eu era. Reafirmo-me em minha instabilidade, pois a pobreza da mesmice não mareja olhos, não leva à boca dentes, não faz os ouvidos dançarem junto à música. Equilibro-me no desequilíbrio necessário de quem a cada instante é novo. Desenho-me como mosaico, nunca acabado e não passível de esvaziamento. Permito-me não saber qual será a próxima disposição que farei de mim, e não me envergonho da insegurança desse processo. Refazer-se tantas vezes exige a coragem de se deixar recompor. (...)

Essa narrativa nos parece ilustrar que o maior exemplo de liberdade que podemos ter é a abertura para a indeterminação do desejo, em que já estou desde o ponto de partida, desamparado(a), mas aberto(a) a algo que age em mim, que desconheço, mas que me move, sem sujeição, como se fosse um artista, que cria um desenho sempre inacabado, que sabe negociar com coisas que não controla e que busca uma verdade inventada.

Assim, para que formas inauditas de subjetivação possam se afirmar, é preciso que haja a abertura para a convivência com o estranho que habita o sujeito, que é aquilo que um dia foi conhecido, mas que depois foi recalçado (Freud, 1919/1980), mas que constitui uma parte preciosa de nós mesmos, fonte de criatividade. O estranho é o que possibilita a processualidade das obras de arte, que é o que aparece lá onde o artista saberá quebrar a regularidade da forma, sem desestruturar a forma por completo, “quebras que darão à forma sua tensão interna, que lembrarão à forma que ela estará sempre assombrada por algo de informe que parece insistir e deve encontrar lugar” (Safatle, 2019, p. 181). Não podemos

deixar que sejamos fixados em uma identidade/forma (categoria a ser desconstruída), mas que possamos abraçar a errância (indeterminação) do desejo, em uma “biopolítica vitalista transformadora”, como nos sugere Safatle (2019), para quem “a norma da vida é mudar continuamente a norma” (p. 312)

Ao voltarmos para o contexto atual, constatamos que este tempo de pandemia pode nos ensinar a conviver melhor com nossas próprias errâncias e a encontrar saídas para nossas vidas, tanto singulares, quanto coletivas, o que acreditamos ser plenamente possível pelo resgate do sonho e da imaginação criadora. Além disso, na tentativa de buscarmos saídas para o isolamento social, em contexto de pandemia, torna-se fundamental haver tessituras de vínculos, quer seja por meio de laços de amizade e solidariedade, quer no âmbito da psicoterapia. Neste último âmbito, a psicanálise clínica tem lançado mão do vínculo terapêutico como ferramenta para promover mudanças significativas, em direção à saúde psíquica, conforme atesta Costa (2020).

A experiência de ouvir o que o aluno de psicologia tem a nos comunicar, pela mediação das artes, possibilitou-nos pensar o ensino emergencial remoto, modalidade de ensino que se tornou a única continuidade possível das aulas, durante a pandemia. Com efeito, o aluno universitário enfrenta hoje duas pandemias, a da covid e a de depressão, momento em que muitos ensaiam trancar o curso, por não suportar a perda dos encontros presenciais e o tempo excessivo diante do computador, único recurso para acompanhar a vida acadêmica, agora confinada em sua versão *on-line*. Diante desse cenário desolador, a mediação das artes continua sendo uma possível saída para fazer engatar o desejo nos estudantes, de modo a possibilitar, durante as aulas remotas, algumas pausas criativas em que podemos receber a companhia de músicas, poemas, dentre outras expressões que possam ser compartilhadas na “telinha”, recursos que possam nos ajudar a potencializar a força do desamparo em busca de mudanças significativas neste estranho mundo da atualidade.

Para finalizar, aproveitamo-nos de algumas imagens literárias usadas por Gurfinkel (2016), em seu belo texto *Espera, esperança e sonho: deixar a terra descansar*, em que utiliza a história mítica de Ulisses e Penélope, da Odisséia, de Homero, para ilustrar a importância da capacidade humana de esperar. Ulisses parte para uma longa viagem e, para suportar a ausência do amado, Penélope precisa confiar e esperar que ele retornará. Para tanto, ela tece um longo manto, todos os dias, e, para que o produto do seu trabalho não

esteja concluído antes do retorno de Ulisses, ela tece e destece, como se, na metáfora desse manto, encontrássemos o fio da própria vida, que vai sendo enlaçado dia após dia.

O fio de nossas vidas vai sendo tecido por cada um de nós, com nossas fantasias, sonhos e projetos e com a confiança de que haverá um retorno de nossas vidas de forma a podermos voltar a abraçar as pessoas que amamos. Entre o mar de Ulisses e a terra de Penélope, há um fio de vida a ser tecido, por cada um de nós e os seus fios devem ser retirados da matéria da ilusão, ou seja, da esperança de que há algo positivo no mundo que nos aguarda e que nossos sonhos, tanto noturnos quanto diurnos, ajudam-nos a esperar e a confiar. Sonhar é colocar em cena um projeto desejado e esperado. Assim, se a arte de esperar não é rompida, podemos “segurar a onda”, sustentar-nos, para que possamos continuar a ser, do outro lado de lá, depois do longo trauma dessa pandemia, deixando que a terra descanse por um ano (talvez mais), antes de ser semeada, para quem sabe colher frutos mais abundantes.

Referências

- Birman, J. (2012). *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, J. (2020). O vínculo terapêutico como ferramenta efetiva para a terapia psicanalítica. *Perspectivas em Psicologia*, 24(1). <https://doi.org/10.14393/PPv24n1a2020-56667>
- Frayze-Pereira, J. A. (2011). Uma poética psicanalítica: Christopher Bollas e a questão da experiência estética. São Paulo: *Revista Ide*, 34(53), 181-198. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000200016&lng=pt&tlng=pt.
- Freud, S. (1895/1980). Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol.1.
- Freud, S. (1915/1980). O inconsciente. In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 14.
- Freud, S. (1919/1980) O estranho. In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 17.
- Freud, S. (1920/1980). Além do princípio do prazer. In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol.18.
- Freud, S. (1923/1980). O ego e o id. In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol.19.
- Gurfinkel, D. (2016). Espera, esperança e sonho: Deixar a terra descansar. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, 50, n.4.
- Hegel, G. W. E. (1992). *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes.
- Laplanche, J., & Pontalis, B. (1988). *Vocabulário de Psicanálise*. Petrópolis: Vozes.
- Vogler, E. (2018). Pelas ruas de Paris. *Título original: Paris et à nous*.
- Safatle, V. (2019). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica.